



# OPINIÃO

**Amadeu Soares**

Departamento de Biologia  
Universidade de Aveiro

## A avaliação em Ciência, ou Onde (também) não há uma segunda oportunidade para causar uma boa primeira impressão.

Foi-me pedida uma opinião sobre a “avaliação em ciência”, dada a minha (passo a citar) «experiência de longa data nos processos de avaliação de projectos e bolsas em Portugal e talvez fora também. Queremos “um saber de experiências feitas” nas páginas da revista». Devo confessar que hesitei um pouco na aceitação do convite, pois penso que o papel de avaliador, seja de bolsas seja de projectos, é, muitas das vezes, mal compreendido e injustiçado, por vezes até pelos colegas que nos estão mais próximos. Se as minhas notas curriculares não me falham, participei até hoje em cerca de meia centena de exercícios de avaliação científica, distribuídos equitativamente por Portugal, como membro e/ou coordenador de painéis de avaliação de bolsas da FCT ou de projectos da FCT e da AdI, e pelo estrangeiro, em painéis de avaliação de bolsas e de projectos, sejam a nível multilateral/multinacional (por exemplo, projectos dos programas quadro da Comissão Europeia) seja a convite de órgãos nacionais similares à nossa FCT ou de Universidades estrangeiras. Será baseado em algumas das estórias deste meu “saber de experiências feitas”, para corresponder integralmente ao que me foi solicitado, que escrevo estes apontamentos, que espero alguma utilidade tenham e cuja sequência não corresponde, de modo algum, ao eventual grau de importância que eu lhe atribuo.

por acaso que se descobre este tipo de marosca, embora algumas sejam descobertas devido ao facto de também os elementos do júri fazerem uso dos seus arquivos neuronais. Conto apenas dois exemplos, um internacional e outro nacional: estava num painel internacional quando me aparece uma proposta de um projecto em que eu, apesar de não o saber, participava como membro da equipa proponente, havendo mesmo cópias de formulários (estávamos ainda numa era não electrónica de submissão de candidaturas) onde estava aposta a minha assinatura! Surpresa minha, imediatamente confessada aos colegas avaliadores, e gozo geral durante o restante período de avaliação. A proposta até que era interessante e eu não me teria importado de fazer parte do consórcio mas o facto é que para tal não tinha sido convidado. Proposta imediatamente posta de parte, sem mais comentários. Outro exemplo, este mais recorrente, consiste na re-submissão de candidaturas não aprovadas anteriormente sem que tenham sido considerados os comentários dos revisores que originalmente a não aprovaram ou, mesmo, sem que tivessem sido feitas quaisquer alterações, no título e no conteúdo, de texto ou de pontuação. Este é um caso mais recorrente e que não costuma causar lá muito boa impressão aos avaliadores, embora confesso que sejam casos em que aos avaliadores é muito fácil decidir e comentar...

parece muito lógica mas que acontece e ainda vai acontecendo, nacional e internacionalmente, embora cada vez menos dada a informatização dos processos de candidatura. Por muito que fundamentadamente possamos discordar do formato e regras de candidatura, é totalmente ineficaz submeter propostas à “nossa maneira”, pois podendo eventualmente essas propostas acabar por ser revistas, acabam naturalmente por terem uma má classificação, mais que não seja porque a simpatia dos revisores não é muita quando têm que alterar a rotina estabelecida para a revisão das propostas, tendo que andar a saltar de página em página, para a frente e para trás, à procura das partes relevantes para avaliar. Não esqueçamos que os avaliadores também recebem instruções, seguindo um guião de avaliação com a sequência e estrutura exigida às propostas de projectos. Acresce que os painéis de avaliação são constituídos por cientistas, normalmente em número inferior ao desejável perante o número de propostas submetidas, pelo que o tempo disponível para a avaliação é inversamente proporcional ao tempo que se leva a preparar uma proposta. Por muito que haja algum trabalho de casa previamente efectuado pelos avaliadores, ele nunca é completo e há sempre uma parte considerável da avaliação que é deixada para a reunião presencial do painel. Forçar o avaliador a “andar aos saltos” pelo guião e pela proposta não é, penso que concordaremos, o modo mais eficiente de captar a simpatia dos avaliadores, que tenderão a ficar indispostos e mal humo-

1. Desnecessidade absoluta em tentar ser mais ou menos desonesto ou tentar enganar o júri, apesar de muitas das vezes ser mesmo

2. Submissões de propostas que não seguem o formato indicado no edital ou nas regras de candidatura. Esta é uma atitude que não



rados [avaliadores são pessoas!], em prejuízo evidente das propostas em causa.

**3.** Em média, apenas 5 a 10% (raramente, e apenas em tempo de “vacas gordas”, a percentagem máxima de aprovação de projectos sobe para 20%) das propostas submetidas são financiadas. Portanto, devemos encarar como regra a “não aprovação das propostas” e não a sua “aprovação”, por muito boas que elas nos pareçam ser. Assim, submeter e escrever um projecto, seja de bolsa seja de investigação, não é só uma questão puramente científica, é também (mas não sobretudo...) comunicar bem sobre (a nossa) ciência. Muitas das vezes, dada a natureza global das áreas de candidatura, membros dos painéis de avaliação, obviamente constituídos por cientistas que se enquadram na área científica geral, não são “bem da área específica” da proposta que avaliam. Por exemplo, sendo a minha área de especialização a ecologia / ecotoxicologia, já avaleiei, e sou capaz de o fazer sem grandes problemas, propostas de conteúdo fundamentalmente bioquímico, ou de genómica, fisiologia ou outras. E posso garantir que, a exemplo de colegas, biólogos ou

não, de outras áreas que não são bem as minhas, não é difícil saber-se quando estamos perante uma proposta que merece ser financiada e quando se está perante apenas “mais uma” proposta.

**4.** As Ciências Biológica e da Vida, sejam Ecologia, Biologia Molecular, Bioquímica ou as agora famosas Bio“X” (biomedicina, etc) são ciências experimentais. Como tal, baseiam-se no método científico, que se fundamenta, como sabemos, em observações que nos permitem formular hipóteses e testá-las. Assim, projectos destas áreas puramente descritivos, sem qualquer hipótese global de trabalho, ou que não sendo descritivos não explicitem uma sequência lógica e fio condutor experimental, baseado no teste de hipóteses, por muito tal possa estar subjacente e presente na cabeça dos proponentes, muito raramente (para não dizer nunca) são aprovados. Bolsas de Investigação e projectos de investigação, em Ciências Biológicas, são sobre investigação experimental, não sobre descrições ou puras observações de fenómenos, descrição e catalogação de colecções museológicas ou outras, etc. Não que estas actividades não se-

jam cientificamente importantes, pois pessoalmente está fora de discussão a elevada importância dada às condições museológicas, sejam bancos de sementes, algotecas, etc. Trabalho deste tipo, se não for experimentalmente enquadrado, é que não é financiável via projectos de investigação.

**5.** Finalmente, ainda que não esgotando o meu saber de experiência feito, mas visto que o texto já ultrapassa o que me foi dado como limite, lembremo-nos que o exercício de avaliação de projectos é uma das situações onde (também) não há uma segunda oportunidade para causar uma boa primeira impressão. Onde é que os avaliadores recolhem essa primeira impressão de uma proposta? No título, no resumo e, sempre aconselhável ter, uma página A4 onde os proponentes terão submetido com uma figura ou fluxograma que reflecta as interacções entre as várias tarefas do projecto. O título não deve ser muito longo e deve reflectir o principal do projecto. O resumo deve ser isso mesmo: um resumo onde é essencial constar os objectivos, a hipótese central de trabalho e o modo como ela é abordada nas tarefas do projecto, que deverão, sempre que possível, ser formuladas para responder a uma questão específica que contribua para os objectivos do projecto. Para mim, a tal figura é crucial: alguém que consiga transmitir graficamente o essencial da sua proposta numa simples página A4, de modo a que quem nunca tenha lido a proposta fique logo com uma ideia concreta do que se vai investigar, tem com certeza ideias muito claras e precisas sobre a investigação que propõe. E se é algo que um avaliador gosta de ler e simpatiza é com propostas bem escritas, objectivas, limpas de qualquer jargão desnecessário e com tarefas claramente construídas para responder a questões específicas que contribuam para o teste da hipótese central de trabalho.